

mesmo tempo distante do mundo, nem um ateísmo imanentista e obcecado, uma contemporaneidade absolutizada; nem uma teologia dualista que esquece a necessidade de transformar o mundo, nem uma historicidade especulativa hegeliana; nem uma atitude passiva do cristão, nem um ativismo legalista porque mal fundamentado; nem uma salvação que degrada nossa

dignidade, nem um sinergismo que nos diviniza; nem um Deus morto ou um Cristo dependente de nossa ajuda, nem um Cristo que ressurgiu dentro de nossas consciências ou uma plenitude no final dos tempos que nos desumaniza porque não proporciona uma relação pessoal com o doador de todas as coisas.

*Werner Fuchs*

Hoje em dia livros envelhecem com uma rapidez quase igual a outros objetos. Esse reconhecimento conduziu em tempos mais recentes à consequência de que alguns estudiosos, como, p. ex., o grande pesquisador veterotestamentário A. Alt, em toda sua vida não publicaram nenhum "livro" propriamente dito, mas resumiram os resultados de seus estudos em "pequenos escritos". Exclui-se dessa tendência geral o "compêndio de hebraico" de Hollenberg-Budde, do qual se publicou há pouco uma edição brasileira:

**Hollenberg-Budde, Gramática Elementar da Língua Hebraica.** Tradução de Nelson Kirst. Editora Sinodal  
1972. 93000 São Leopoldo/RS, c. p. 14.

Desde muitas décadas a obra figura entre as obras-padrão para o ensino do hebraico, tendo já comemorado o seu "centenário". A presente edição brasileira é uma tradução da 24.<sup>a</sup> edição dessa gramática escolar de eficácia consolidada, cuja última edição foi efetuada por W. Baumgartner em Bfasiléia, na Suíça.

O Hollenberg evidentemente nada tem a ver com a paródia "Höllenzweg" — "anãozinho do inferno" — que a gíria estudantil alemã gosta de lhe atribuir. A edição brasileira suplantou nitidamente o aspecto do original, de fato um pouco nanico. Temos em mãos um livro convidativo, tanto do ponto de vista da apresentação como da confecção tipográfica (fotolitográfica), e que, não obstante seu volume (461 pp.) permaneceu sendo facilmente manuseável, demonstrando um alto grau de resistência também quando intensivamente usado durante as aulas.

Quase não ocorrem erros de impressão que realmente deturpam o sentido, e também o número dos erros menores, em geral de ordem técnica — que estão sendo coletados pelo tradutor — conserva-se limitado, considerando-se as grandes possibilidades de erros que se apresentam com essa técnica.

A tradução orienta-se sempre de acordo com o princípio correto de ser "tão literal quanto possível, tão livre quanto necessário". Por vezes se esperaria maior independência, a saber, quando o original imita e explica particularidades lingüísticas do hebraico com particularidades da língua alemã. Contudo a impressão geral do livro de maneira alguma é determinada por esses casos, nem a compreensão é por eles comprometida.

A gramática de Hollenberg insere-se entre aquelas obras didáticas que — numa caracterização rudimentar — antepõem o aprendizado do sistema gramatical ao contato

com a língua propriamente dito. Tal abordagem metodológica atualmente se tornou para muitos questionável, no que possuem alguma razão, visto que a língua sempre já existia antes da gramática e a anteposição de um sistema gramatical inverte essa situação. Tal objeção fundamental, no entanto, não vem em detrimento considerável do Hollenberg, porque, por um lado, ele está tão ricamente aparelhado com exercícios que oferece ao professor toda a liberdade para qualquer forma de ensino, e por outro lado porque as tentativas mais recentes de uma introdução "funcional" na língua hebraica ainda estão ensalando apenas os primeiros passos.

Em especial considere-se o seguinte: Poderia ser reduzido o número dos trechos de tradução do português para o hebraico. A apresentação da fonética (§§ 11 e 12) é bastante comprimida e requer em todos os casos uma complementação detalhada. Demais resumida revela-se a tabela II (sufixos no verbo), que sobrestima a capacidade associativa do principiante. Seria recomendável acrescentar às tabelas dos verbos e substantivos os números correspondentes aos parágrafos explica-

tivos, a fim de evitar buscas desnecessárias. O paradigma principal gatal, que aparece apenas três vezes no hebraico bíblico, deveria sem dúvida ser substituído por outro que exemplificasse melhor a estrutura silábica.

Continuam constituindo o valor positivo do livro a apresentação precisa, sinótica e compreensível da matéria gramatical, os amplos vocabulários anexos, bem como o grande número de textos hebraicos comentados para exercícios, que inclui também textos de Qumrá. O número de vocábulos (cerca de 600) pode ser considerado suficiente. Da mesma forma a gramática oferece de modo conciso o necessário para a sintaxe hebraica. Pode ser tomada como base, tanto para cursos que durem, nos extremos, dois meses como também dois anos.

Por isso precisa de ser bem-vinda a aparição desse livro de ótima qualidade no contexto lingüístico latino-americano. Despertou, desde então, o interesse de outros seminários do Brasil, encontrando já aceitação, e sem dúvida merece tal atenção. A tendência do Hollenberg pelo "evergreen" não é absolutamente infundada.

*Klaus Homburg*

---

Hans-Peter Alt e  
Claus Juergen Roepke — *Crer Hoje*  
Editora Sinodal, 1973, São Leopoldo

Sabemos que pela nossa "própria razão ou força não podemos crer em Jesus Cristo, nosso Senhor, nem vir a ele". Mas sabemos também que o caminho para a fé não é de tal natureza que a inteligência tenha de ser excluída. O homem, cada vez menos, está disposto em "sacrificar" o seu intelecto. Isso é um traço simpático e altamente positivo. O homem tenta levar uma vida de completa honestidade diante de si e de Deus. Por isso ele não pode aceitar nem mesmo a mensagem da salvação sem raciocinar criticamente. "Hoje em dia

pede-se informações bem fundadas sobre a fé" (p. 6). Elas se tornam uma necessidade, uma vez por causa do espírito crítico do homem e outra, pelo fato de vivermos numa época em que as mais diversas opiniões teológicas se tornam conhecidas de todos. Surge entre os membros das comunidades a pergunta: Como devemos entender as confissões de fé com as quais vivemos desde criança? Parece que hoje se ensina tudo diferente!

"Precisa-se de subsídios para poder compreender as considerações complicadas da teologia ho-